

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2019



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

28

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

CH
CENTRO DE HISTÓRIA

Centro de História da Universidade de Lisboa

2019



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa),
Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Ana Catarina Almeida, Catarina Pinto Fernandes, Denise Calado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactorial Committee

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa),
António Ramos dos Santos (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo),
Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid),
Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles),
Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (EU Business School - Barcelona) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa),
Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svård (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz
(Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Loprieno (Universitat Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vifa (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnes García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), André Carneiro (Universidade de Évora), Carlos Martins de Jesus (Universidade de Coimbra), Fábio Lessa (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Fernando Bermejo Rubio (Universidad Nacional de Educación a Distancia), Inês de Ornelas e Castro (Universidade Nova de Lisboa), Inês Vaz Pinto (Sítio Arqueológico de Tróia), Isaías Hipólito (Universidade de Coimbra), Javier Andreu Pintado (Universidad de Navarra), José Luís Brandão (Universidade de Lisboa), Juan José Castillos (Instituto Uruguayo de Egiptología), Maria de Fátima Rosa (Universidade Nova de Lisboa), Marta González González (Universidad de Málaga), Pedro Carvalho (Universidade de Coimbra), Raquel dos Santos Fumari (Universidade Estadual de Campinas), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Susana Schwartz (Universidade de São Paulo), Victoria Emma Pagán (University of Florida).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2019

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15,00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.uilisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UID/HIS/04311/2013, UID/HIS/04311/2019 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

11 MATERNIDADE E FILICÍDIO

MATERNITY AND FILICIDE

Maria de Fátima Sousa e Silva

31 THE ENEMY AT THE CITY GATES.

Seven against Thebes, 287-368

Marta González González

51 ESTUDOS

ARTICLES

53 DEUSES BANQUEIROS:

uma seleção de contratos paleobabilônicos de empréstimos
feitos por templos

BANKING GODS:

a selection of Old Babylonian temple loan contracts

Lucas G. Freire

77 A "TERRA BÍBLICA" DO PRIMEIRO TESTAMENTO:

construção de um espaço religioso

THE "LAND OF THE BIBLE" OF THE FIRST TESTAMENT:

building of a religious space

Sofia Beato

93 "A MALDIÇÃO DA MÚMIA".

Relatos na imprensa portuguesa sobre a descoberta do Túmulo de
Tutankhamon

"THE CURSE OF THE MUMMY".

Reports in the Portuguese press on the discovery of the Tomb of Tutankhamun

José das Candeias Sales & Susana Mota

- 119 A DIMENSÃO VISUAL DO CÂNONE NA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
THE VISUAL DIMENSION OF THE CANON IN CLASSICAL ANTIQUITY
Sílvia Catarina Pereira Diogo
- 139 A HÉLADE EM ROMA.
A recepção do estilo de vida da aristocracia ática através das *fabulae palliatae* de Plauto: a alimentação, as heteras e o *damnum*
GREECE IN ROME.
The reception of the lifestyle of the Attic aristocracy through Plautus' fabulae palliatae: the food, the hetaerae and the damnum
Álvaro Martinho
- 165 ALARGAMENTO DO DOMÍNIO ROMANO NA ITÁLIA CENTRAL EM MEADOS DO SÉCULO IV A.C.
EXPANSION OF ROMAN POWER IN CENTRAL ITALY IN THE MID-4TH CENTURY B.C.
Filipe Carmo
- 187 RIFLETTENDO (SU) LUCIO (ANNEO SENECA), UN POLITICO IN FILOSOFIA E UN FILOSOFO IN POLITICA
REFLECTING UPON LUCIO ANNEO SENECA, A POLITICIAN IN PHILOSOPHY AND A PHILOSOPHER IN POLITICS
Carlotta Montagna

219 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

- 221 OS TOPÓNIMOS PRÉ-ROMANOS DA HISPÂNIA:
a propósito dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum*, VI
PRE-ROMAN TOPONYMS IN HISPANIA:
on the Monumenta Linguarum Hispanicarum, VI
Amílcar Guerra
- 235 HOMENAGEM A ALICIA MARAVELIA
TRIBUTE TO ALICIA MARAVELIA
Telo Canhão

251 RECENSÕES

REVIEWS

333 IN MEMORIAM

341 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES

THORSTEN FOGEN et RICHARD WARREN eds. (2016), *Graeco-Roman Antiquity and the Idea of Nationalism in the 19th Century: Case Studies*. Berlin/Boston, De Gruyter, 305 pp. ISBN 978-3-11-047349-0 (109,95 €).

Os fenómenos de recepção da cultura clássica grega e romana na época contemporânea têm sido objecto de uma intensa produção nas últimas décadas, com um horizonte de investigação que abrange vários campos: filosofia, arquitectura (pública e privada), pintura, literatura, escultura, entre outros. Embora o conceito operativo de cúpula pareça ser o de recepção, encontramos-nos perante um cenário que oferece oportunidades múltiplas, tanto metodológicas como teóricas, com confluente interpretações dentro de uma abordagem geral aos *uses of the past*, como tradição, apropriação ou transformação. O foco nas últimas décadas do século XVIII e no século XIX assume particular interesse tendo como pano de fundo o Iluminismo, as grandes convulsões políticas e sociais e o paulatino desenvolvimento da moderna arqueologia. Também nos parece interessante a forma como o imaginário clássico se entrelaçou com outro movimento cultural que se fez sentir em grande parte da Europa de Oitocentos, o Romantismo, que apelava, tendencialmente, a uma relação mais estreita com um passado medieval (concreto ou reelaborado).

Concomitante dos fenómenos de recepção neste período, registou-se outro, o dos nacionalismos (que se desenvolveram a par de tendências universalistas). O estudo dos nacionalismos oitocentistas já encontra um significativo lastro de trabalhos, sujeitos a múltiplas interpretações em relação à construção das nações modernas: por exemplo, desde as propostas de Benedict Anderson, Eric Hobsbawm ou Anthony D. Smith até aos trabalhos de Stefan Berger sobre historiografia. Como se encontra sugerido no título, a obra em apreço tem como grande objectivo uma abordagem articulada dos dois fenómenos: o de recepção e o dos nacionalismos.

Com uma visível qualidade editorial, este livro é o resultado de um encontro realizado na Universidade de Durham, em 2013. Na Introdução, os editores formulam questões centrais, das quais poderíamos destacar, entre outras, “what is nationalism?” ou “How was classical antiquity used to articulate contemporary conceptions of race, nation and empire?” (p. 12). Só estas duas perguntas poderiam ser objecto de várias obras e, neste sentido, consideramos demasiado ambicioso o intuito dos editores. Acusando problemas típicos de trabalhos colectivos, notamos uma falta de consistência interna (uma estrutura por blocos temáticos poderia, em parte, resolver este problema) e apesar da intenção de grande amplitude geográfica, “the European context considered collectively” (p. 11), parece-nos que tal não se concretiza nos trabalhos apresentados. A dispersão temática dos *case studies*, embora se revistam de manifesto interesse, não nos permite uma visão comparada. Mesmo quando esta é possível, encontra-se limitada aos contextos (e temas) mais trabalhados neste campo, como os do Reino Unido, França ou o espaço germânico. Embora a lacuna geográfica seja prontamente justificada pelos editores (2), parece-nos flagrante a ausência de Itália (ou Estados italianos), Espanha e Portugal, ou seja, a Europa do meio-dia, contradizendo o intuito de considerar o contexto europeu de forma global.

Os 11 trabalhos apresentados principiam com o texto de Anthony D. Smith (pp. 19-43). Pode considerar-se um capítulo de características propedêuticas. Oferece ao leitor, dentro da sua interpretação de nacionalismo étnico, uma síntese introdutória a elementos neo-clássicos fundamentais na estruturação das nações modernas (ou dos nacionalismos), evidenciando os campos da arquitectura (pública), artes (pintura e escultura) e importantes conceitos de construção identitária, como os de cidadania, pátria ou da virtude do herói.

O trabalho de Athena S. Leoussi (pp. 45-70) é o que assume de forma mais clara uma abordagem transnacional ou comparada (Inglaterra, França e Alemanha). Apoiando-se na tipologia sugerida por Hans Kohn para as delimitações dos nacionalismos europeus (territorial/cívico e étnico), a autora explora como o helenismo étnico foi apropriado pelas sociedades dos vários países, constituindo-se como arquétipo físico e de beleza na Alemanha e Inglaterra e de sentido regenerador no caso francês após 1871.

França e Inglaterra são também os cenários do capítulo de Tim Rood (pp. 71-112). Analisa a carta de Napoleão enviada ao príncipe regente britânico, no rescaldo de Waterloo, em que este se compara a Temístocles. Explora as diferentes camadas que a epístola pode ter – não se consegue atingir se Napoleão pretendia referir-se ao monarca inglês como um Rei Persa ou Admeto – e as interpretações na opinião pública inglesa e francesa em torno da auto-equiparação a Temístocles sugerida por Napoleão.

Avançando no tempo, encontramos Napoleão III. Edmund Richardson tenta mapear as diferentes recepções que a obra do imperador, *História de Júlio César* (1865), teve na opinião francesa, britânica e americana (pp. 113-129) e a forma como foram exploradas as ideias imperiais e de nação (desenvolvidas em torno do cesarismo). Contudo, este trabalho apresenta um significativo problema: é evidenciada a crítica de Karl Marx às ideias providencialistas ou do passado como força guiadora e percebe-se a pertinente intenção dicotómica, mas a premissa do texto parte das reacções imediatas ao lançamento da obra de Napoleão III e o texto de Karl Marx a que se refere o autor, *O 18 de Brumário de Luís Napoleão*, foi escrito em 1852.

O trabalho de Rosemary Barrow (pp. 131-151) figura neste conjunto de forma particular pela sua abordagem metodológica. O texto gravita à volta de um quadro, “Faithful unto death”, que representa um soldado romano e cuja inspiração se deveu a um achado arqueológico (mal interpretado) de um esqueleto em Pompeia em finais de Setecentos. A partir deste objecto, é-se abordada a forma como a sociedade britânica paulatinamente alterou a sua percepção do soldado – representado na pintura de forma positiva – e a relação flutuante que existiu entre a identidade imperial romana e a britânica durante o século XIX, em especial durante a Guerra da Crimeia e o motim indiano de 1857.

Continuando o foco na pintura, Richard Hingley (pp. 153-174) aborda quatro imagens elaboradas em contexto britânico entre 1857 e 1911, que representam construções de fortificações romanas em zonas de fronteira. O elemento romano funciona como um espelho ao Império Britânico e a longa cronologia de elaboração das imagens permite observar alterações na relação com as populações indígenas. Também se nota como os achados arqueológicos iam influenciando a representação da construção das fortificações.

O contributo de Richard Warren (pp. 175-198) explora a figura de Boudica num desenho de Henry Courtney Selous (1843) que foi a concurso para a decoração do Palácio de Westminster e todo o contexto envolvente à sua elaboração.

Passamos o canal e regressamos à Europa continental para o contributo de Christopher B. Krebs (pp. 199-218). É um interessante foco em história da historiografia e história da educação. O autor procura perceber como a obra de Tácito, *Germania*, através da interpretação plasmada em manuais escolares ou livros de grande divulgação, contribuiu para a construção do nacionalismo alemão.

Continuando na mesma geografia, o trabalho de Michael Sommer explora a monumentalização da figura de Armínio (pp. 219-233). Conta a história das dificuldades em erguer a estátua desta

personagem histórica, transformada em síntese de herói nacional, em Detmold, e como uma estátua da mesma figura contribuiu para a consolidação de uma memória colectiva de emigrantes alemães em New Ulm, no Minnesota.

Da estatuária voltamos à pintura, para vermos novamente a figura de Armínio, com o trabalho de Richard Warren (pp. 235-268). Explora dois quadros, de Joseph Bergler e Alphonse Mucha, inserindo-os no paulatino desenvolvimento do nacionalismo checo e das tendências autonómicas dentro do quadro do império Austro-húngaro.

Por último, o contributo de Laurie O'Higgins (pp. 269-288) procura evidenciar como paralelamente ao desenvolvimento dos estudos literários irlandeses durante o século XIX, dentro de um quadro de procura identitária, existiu um genuíno interesse pela tradução, a partir dos originais, de literatura de autores clássicos.

Não obstante as reservas apontadas, os textos nesta obra, a par das bibliografias apresentadas, constituem um importante contributo, temático e metodológico, para o estimulante campo de investigação que são os estudos sobre recepção. Menção ainda para o falecimento, no mesmo ano do lançamento do livro, de dois de seus colaboradores: Anthony D. Smith e Rosemary Barrow.

Sem pretensão de orientar veios de investigação, julgamos que estes trabalhos, entre outros, poderiam constituir um interessante incentivo ao desenvolvimento de temas correlativos, para a mesma cronologia, no cenário historiográfico português.

Ora, encontramos-nos na antecâmara do duplo centenário da Revolução de 1820. Por exemplo, e apesar de serem inegáveis os preciosos contributos nos trabalhos de Fernando Catroga, ainda está por desenvolver um estudo sistemático (ou até mesmo parcelar) da recepção ou apropriação da cultura clássica nos discursos das culturas políticas (e históricas) em confronto, num momento fundamental de emergência do liberalismo (e, num cenário mais longo, de confronto armado contra o Absolutismo), e da paulatina estruturação do Estado-Nação. Parece-nos que falta um sólido mapeamento. Mesmo um olhar epidérmico a muitas fontes da primeira metade do século XIX, revela um persistente uso de referências clássicas: conceitos e/ou suas ressemantizações (Constituição, pátria, revolução, entre outros, uns empregues com a sua raiz clássica original, outros já mediados de outros contextos revolucionários), analogias de personagens (D. Miguel como Nero, por exemplo), paralelos de momentos/períodos que os agentes contemporâneos construíam num intenso debate político (a queda de Roma é referência constante), a opção por elementos romanos em detrimento de gregos e vice-versa, entre tantas outras possibilidades.

O interesse de observação com este prisma parece-nos pertinente se se tiver em conta a consciência dos contemporâneos dos eventos de uma nova ou reelaborada temporalização. Neste sentido, pode-se considerar que a primeira experiência constitucional portuguesa (e espanhola) adquiriu caracteres de uma revolução de rosto jânico. O passado, presente e futuro encontravam-se e projectavam-se. As palavras de Manuel Fernandes Tomás, em 1821, nas Cortes Constituintes, são reveladoras das tensões entre aceitar as experiências dos antigos ou o uso de seus exemplos e conservar um olhar reformador para o presente, “. . . bem aviados estávamos nós se fizéssemos Constituição como os gregos e romanos. Nós estamos alguma coisa mais adiantados”.¹

Ricardo de Brito

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Centro de História

1 Catroga, Fernando, *A Geografia dos Afectos Pátrios*, Coimbra, Almedina, 2013, p. 285.

CH

CENTRO DE HISTÓRIA
